

A Situação e a Oposição no Círculo Cultural Scalabitano

A fundação e composição social

O ano de 1954 apresentou-se auspicioso para a cidade de Santarém e para o concelho, tendo ficado marcado pela construção de importantes obras públicas como a inauguração do Tribunal de Santarém, o início dos arranjos do Campo Sá da Bandeira e, conta-se ainda, como uma importante expressão do crescimento económico do distrito a criação da Feira do Ribatejo e a constituição do Círculo Cultural que resultou da fusão do Orfeão escalabitano e do Clube Literário Guilherme de Azevedo

A Fundação do CCS

Ora desta fusão resultou a formação de uma **Comissão Administrativa**¹, cuja composição estava estabelecida no documento *Bases para a Fusão do Clube Literário Guilherme de Azevedo e Orfeão Scalabitano* elaborado pelas direcções das duas associações: “Esta Comissão será constituída por dezoito membros, nove de cada uma das colectividades fusionadas...”². Continuaram a sua actividade cultural as secções que já constituíam anteriormente as duas agremiações: o Orfeão Scalabitano, a Orquestra Típica Ribatejana, o Curso de Iniciação Teatral “Actor Taborda”, o Coral Infantil Scalabitano e, ainda, a Biblioteca “Guilherme de Azevedo”. O nome de Círculo Cultural Scalabitano surgiu pela primeira vez num artigo do *Correio do Ribatejo*, na sua edição de **7 de Agosto de 1954**.

Para que se possa conhecer os pioneiros desta acção, passamos a nomear os elementos dos seus corpos directivos: presidente - Artur Proença Duarte; 1º vice-presidente - Manuel d’Almeida Ginestal Machado; 2º vice-presidente – João da Silva Martins; 1º secretário – Américo Rodrigues de Passos e Silva; 2º secretário – Francisco Duarte Meireles; secretários adjuntos – Manuel Filipe; Gabriel Alves Alexandre; tesoureiro – Carlos Roque de Oliveira e Sousa; tesoureiro Adjunto – Manuel Marecos Henriques; vogais para o assunto dos estatutos – Alfredo Ferreira; Vasco Duarte; Leonardo Ribeiro de Almeida; José

¹ Círculo Cultural Scalabitano, *Livro de Actas da Direcção*, n.º 1, Acta de posse da Comissão Administrativa, 29 de Julho de 1954. Arq. C.C.S.

² Número II, § 2.º. *Bases para a Fusão do Clube Literário Guilherme de Azevedo e Orfeão Scalabitano*, [Julho de 1954], Arq. C.C.S..

Carlos de Oliveira Sollas; vogais para os assuntos de instalação – Henrique Dias Ferreira; Artur Sousa Madeira Cabral; Nuno António de Oliveira; Gentil Duarte; vogal para a Orquestra Típica – Mário Martins Rodrigues; bibliotecário – Vasco Duarte.

O Relatório de 1954

No final do seu mandato, esta **Comissão** elaborou um *Relatório* onde referiu as diversas actividades concretizadas: o curso de teatro, com 30 alunos, dirigido pelo professor Carlos de Sousa, participou no “Sarau Garrettiano” organizado por ocasião das comemorações nacionais do centenário de Garret; o Orfeão Scalabitano, dirigido pelo professor Fernando Cabral concretizou três concertos radiofónicos, na Emissora Nacional; o Coral Infantil, dirigido então por Joel Canhão, depois da doença do maestro Luís Silveira que o veio a vitimar em 25 de Dezembro de 1954, contava com cento e vinte alunos, setenta dos quais no primeiro ano; a Orquestra Típica, então designada de Ribatejana, conduzida pelo maestro Casimiro Silva apresentou-se em dois concertos, a convite do SNI e o outro da TAP; a Biblioteca estava a ser catalogada.

Relativamente à “situação económica e financeira”, conforme seria de esperar, escreveu-se: “Pelos mapas juntos se vê, claramente, **que é boa a situação económica e financeira da colectividade** e que ela pode continuar a sua missão sem quebra de ritmo e sem perigo”³.

A caracterização socioprofissional

A primeira direcção⁴ eleita a 29 de Dezembro de 1954, tomou posse em 5 de Janeiro de 1955 e iniciou desde logo as suas funções.

Com 943 sócios, em 1955, o *Quadro Demonstrativo das Profissões, Situações Económicas, etc. dos Associados*⁵ possibilitou a caracterização socioprofissional desta associação, verificando-se a existência de um grande número de funcionários da administração pública (154), de bastantes empregados no comércio e de escritório (164), de um número considerável de “Industriais” (101) e “Comerciantes” (165), de “Proprietários” (50), profissões

³ Círculo Cultural Scalabitano, *Relatório da Comissão Administrativa*, 1954. Arquivo do CCS.

⁴ Círculo Cultural Scalabitano, *Op. Cit*, 27 de Dezembro de 1954.

⁵ Círculo Cultural Scalabitano, 1955.

liberais (médicos, médicos veterinários, advogados, engenheiros civis, agrónomos e silvicultores – 86), oficiais e sargentos do exército (44), domésticas (30) e ainda, as empresas (44). Os grupos sociais pouco representados são, como seria de esperar, os agricultores (3), “criados hoteleiros, de cafés, clubes, etc.” (7), padres católicos (1), operários e artífices (0)⁶.

Comungando com a expressão de Fernando Rosas⁷, predominavam no Círculo Cultural Scalabitano “a camada superior” do “vasto pântano das classes intermédias” urbanas, onde se excluía, de vez, “as camadas inferiores” dos operários, artífices e serviçais. Os mais liberais, quando queriam levar as serviçais consigo aos bailes, tinham de as fazer passar por familiares⁸.

O Círculo Cultural conheceu o seu período dourado neste lustro (1954-59) porque, na fusão das duas associações, prevaleceu o esforço da elite local, nomeadamente a elite política quer da *Situação* quer da *Oposição*.

Luísa Teixeira Barbosa

Correio do Ribatejo, 9 de Dezembro de 2011

⁶ Círculo Cultural Scalabitano, *Relatório e Contas da Direcção Referentes à Gerência de 1955*, 31 de Dezembro de 1955.

⁷ “Os grupos sociais intermédios (...) não se limitavam, (...) às classes médias, isto é, à sua muito minoritária camada superior, constituída pelos pequenos e médios patrões da agricultura, da indústria e do comércio, associados aos estratos médios das profissões liberais, dos quadros ou do funcionalismo. O grosso das situações intermédias era constituído (...), pelos “camponeses médios”, pelo artesanato industrial e proto-industrial, o pequeno e pequeníssimo comércio lojista, e os “camponeses pobres”, os operários-camponeses ou artesãos, os trabalhadores familiares, os serviçais (...) a que se poderiam juntar os sectores mais pobres da pequena burguesia urbana (camadas inferiores dos empregados, do funcionalismo, etc.) (...) e constituíam a maioria sociológica da população”. Fernando Rosas “O Estado Novo” in José Mattoso (dir.) *História de Portugal*, vol. VII, Lisboa, Estampa, 1998.

⁸ Testemunho de Lucinda Selqueira.